

As faces culturais de uma rua: Aracaju – 1920 a 1940¹

*Adênia Santos Andrade**

Resumo

O que dizer das ruas de João Pessoa de ontem e de hoje? A rua tem sido estudada em diversas dimensões buscando a identidade do homem urbano, em meio aos avanços tecnológicos que tem modificado no homem moderno o sentido da valorização e preservação cultural. Nessa direção, analisamos o comércio, os aspectos culturais, as festividades e as faces da Rua João Pessoa entre os anos de 1920 a 1940, por ser uma das primeiras vias da formação urbanística e pela contribuição econômica dada a Aracaju. Para isso, recorreremos aos jornais e revistas do início do século XX, sites fotográficos e acervo bibliográfico. Utilizamos também os relatos escritos por Frúgoli Júnior (2007), Rio (1997), Vilar (2006), Mário Cabral (2002), Murillo Melins (2001), Maria Nele dos Santos (2000), Naide Barboza (1992), dentre outros, para mostrar a vivência de ruas da cidade de Aracaju.

Palavras-chave: Comércio; Cultura; Rua.

The faces cultures of on street: Aracaju – 1920 to 1940

Abstract

What can be said about João Pessoa Street from the past until today? The street has been studied in diverse dimensions searching for the identity of urban man, amid the technological advances that have modified modern man in the sense of cultural valuing and preservation. In this direction, we analyze the business life, cultural aspects, festivities and faces of João Pessoa Street from 1920 to 1940, is one of the first avenues of training for urban and economic assistance given to Aracaju. For this, we went to newspapers and magazines from the beginning of the Twentieth Century, photographic sites and bibliographic collections. We also utilized written reports by Frúgoli Júnior (2007), Rio (1997), Vilar (2006), Mário Cabral (2002), Murillo Melins (2001), Maria Nele dos Santos (2000), and Naide Barboza (1992), among others, in order to show the life of streets from the city of Aracaju.

Keywords: Business life; Culture; Street.

Introdução

Nos dias atuais, a história contemporânea utiliza das três grandes linhas referenciais no vasto campo da historiografia mundial (o positivismo, o materialismo histórico ou dialético e a nova história), para estudar os mais diversificados temas. Já se estudou a história do amor, e até mesmo a loucura já possui seu estudo. Portanto, verifica-se que na atualidade a história não está mais pautada na construção dos fatos somente a partir de documentos. O que importa é a constituição das fontes para conseqüentemente contribuir com o vasto leque da historiografia. Buscando agregar e ao mesmo tempo somatizar-se à história das minorias, dos menos favorecidos, dos esquecidos pelo tempo através deste universo multifacetado que se convencionou chamar de nova história. Desta forma, podemos estudar o cotidiano de um povo, sua cultura, seus costumes e

seus hábitos. Contudo, vamos refletir e fazer um passeio histórico pela Rua João Pessoa em Aracaju, Sergipe, verificando sua importância na sociedade, o que nela acontece diariamente, o que podemos encontrar no decorrer do seu percurso e o que pensam os autores sobre ela.

Esse conjunto de idéias está inserido dentro da sociedade e está atrelado à identidade cultural de um povo, independentemente do local onde esta sociedade esteja localizada. A maneira de pensar, agir, os modos, costumes e hábitos são elementos que constituem uma determinada sociedade. Desde que o homem passou a viver em agrupamentos, trocando experiências, podemos notar a reciprocidade cultural. A identidade cultural se estabelece a partir do momento em que as pessoas são caracterizadas pelo modo de agir, de falar, de pensar, dos hábitos alimentares etc. Cultura é o conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas

* Correio eletrônico: adeniasantos@hotmail.com

e comportamentais de um povo ou civilização. A cultura ainda é fruto da miscigenação de diferentes povos que introduziram seus hábitos e costumes, com o contato de uma cultura e outra, podendo gerar uma cultura ainda mais diferente. A identidade cultural move os sentimentos, os valores, o folclore e uma infinidade de itens impregnados nas mais variadas sociedades do mundo, e apresenta o reflexo da convivência humana.

Nesse sentido, a rua tem sido estudada em diversas dimensões buscando a identidade do homem urbano, em meio aos avanços tecnológicos que tem modificado no homem moderno o sentido da valorização e preservação cultural. Nessa direção, analisamos o comércio, os aspectos culturais, as festividades e as faces da Rua João Pessoa entre os anos de 1920 a 1940. Para isso recorreremos aos jornais e revistas do início do século XX, sites fotográficos e acervo bibliográfico. Utilizamos também os relatos escritos por Heitor Frúgoli Júnior (2007), João do Rio (1997), José Wellington Carvalho Vilar (2006), Mário Cabral (2002), Murillo Melins (2001), Maria Nele dos Santos (2000), Naide Barboza (1992), dentre outros, para mostrar a vivência dessa rua na cidade de Aracaju.

Dentro deste universo uma série de pesquisas vêm sendo feitas nos últimos tempos, tendo como foco trabalhar as questões da política urbana, dos movimentos sociais, da família, da cultura popular, habitação e outros.

A rua já foi temática de estudo no mestrado em geografia na Universidade Federal Fluminense, por Luciana Francisca Cabral; outros autores, como João do Rio e Ana Fani Alessandri Carlos, também fizeram suas abordagens em torno do significado da rua dentro de uma cidade e a contribuição delas para o meio social.

Para Luciana Francisca Cabral (2005, n. 194), “O estudo das ruas se apresenta com relevância em muitos aspectos, principalmente porque não se pode conceber uma cidade sem as mesmas”. Portanto, a espacialidade da rua está no fato de analisarmos e identificarmos a vida cotidiana. Para muitos, a rua é apenas um itinerário, um trajeto. E ainda acrescenta Cabral (2005, n. 194):

para nós, a rua revela-se como palco de contínuos acontecimentos, em movimento constante, por isso nela a vida social se manifesta. A rua nos revela formas de apropriações e temporalidades, pois guarda em si esta “vivacidade”.

João do Rio, literato, vê e trata a rua de uma forma mais literária, enfatizando o embelezamento dela dentro da cidade:

[...] Na literatura atual a rua é a inspiração dos grandes artistas [...]. Não há um escritor moderno que não tenha cantando a rua. Os sonhadores levam mesmo a exagerá-la, e hoje, devido certamente à corrente socialista, há toda uma literatura em que a alma das ruas soluça [...] (RIO, 1997, p. 78)

Acrescenta que “os artistas modernos já não se limitam [...], a analisar traço por traço o perfil físico e moral de cada rua. Vão mais longe, sonham a rua ideal, como sonharam um mundo melhor [...]

João do Rio nos descreve com seu potencial literário, o amor que sentia pelas ruas, revelando de maneira sutil seus movimentos. Para ele, a rua não é um simples alinhamento de fachadas, ela é agasalhadora da miséria, é o aplauso dos mediócras, dos infelizes, dos miseráveis e da arte. A rua é generosa, é transformadora de línguas.

Ana Fani Alessandri Carlos, professora de geografia na USP, vê a rua como uma reprodução do espaço urbano e nela pode-se verificar o dia-a-dia:

No panorama das ruas se pode ler a vida cotidiana: seu ritmo, seus conflitos, os sentimentos de estranhamento, o modo como a solidão desponta, a arte da sobrevivência, as vitrines onde o ritual da mercadoria inebria pelo contraste das construções, de suas fachadas, comandando os passos, os usos e as cores. (Carlos, 2001, p. 56)

A rua foi feita para o ajuntamento, sendo a causa fundamental da diversidade dos tipos urbanos, criando seu tipo, costumes, hábitos, modos e opiniões políticas. A rua é o lugar da vida, do dia-a-dia, do lazer, das brincadeiras, do barulho, da alegria, dos conflitos, do comércio e da sobrevivência. No panorama das ruas pode-se ler a vida cotidiana: seu ritmo, seus conflitos, e sentimentos de estranhamento. Porém, à medida que o homem dá mais valor à vida privada do que à vida coletiva – fruto da reprodução do espaço urbano –, o sentido de locomoção das ruas é substituído nas grandes cidades pelos automóveis que a cada dia as invadem.

A rua tende na metrópole a desaparecer, preenchida por carros; destinada à locomoção, torna-se inútil à vida social, que se deteriora à medida que os indivíduos privilegiam a vida privada em detrimento da coletiva – não como opção livre, mas como coação pelo processo de reprodução do espaço urbano. (Carlos, 2001, p. 240)

A relação comum que existe entre os homens é realizada dentro de um determinado espaço. Espaço

este, no qual a natureza humana se manifesta, permitindo ao homem viver as suas experiências e, através delas, realizar-se em sociedade. “Lugar onde se manifesta a vida, o espaço é condição, meio e produto da realização da sociedade humana em toda a sua multiplicidade” (Carlos, 2001, p. 11). Dentre estes espaços, destaca-se a rua. Sendo assim, a rua é um determinado local, onde o homem habita e constrói as relações sociais, culturais, econômicas, políticas e comerciais. As ruas são e foram locais em que aconteceram as revoltas, que fizeram e esconderam as celebridades e que agasalham os miseráveis. Espaço que acolhe várias gerações, resistindo às idades e às épocas. Ruas que de certa forma foram descaracterizadas, tanto na vivacidade espiritual quanto nos aspectos físicos devido aos fatores urbanísticos. Em todo caso, a rua fala por si só, independentemente de qual rua estejamos falando.

Portanto, dentro deste contexto, os três autores tratam a rua de forma diferente, direcionando-a a três extremidades: na visão do desenvolvimento urbanístico, na representação literária e, por último, na espacialidade para verificar o cotidiano.

Tomando como pressuposto um conjunto de transformações econômico-sociais que ocorrem nos espaços públicos, em decorrência da ascensão e efervescência do capitalismo, atrelado ao que chamamos de modernidade, Sandra Pasavento destaca “o impulso criador/inovador, a percepção da totalidade e do princípio dialético, pelo qual se experimentaria a sensação de ganho e de perda, de fascínio e de repúdio diante das transformações que se desencadeiam em turbilhões” (Pasavento, 1997, p. 25). Desta forma, ela direciona a sua crítica na precariedade da dimensão espaço-temporal e na descontinuidade que o capitalismo realiza na modernidade.

Ainda acrescenta sobre a modernidade no início do século XIX:

O século XIX foi, por excelência, um momento de transformações em múltipla escala. A população aumentara, as cidades cresceram e colocaram aos governantes toda uma sorte de exigências, desde a reordenação espacial, redesenhando as ambiências, até o cumprimento dos serviços públicos demandados pelo “viver em cidades”. Produtos novos e máquinas desconhecidas atestavam que a ciência aplicada à tecnologia era capaz de tudo ou, pelo menos quase tudo. O valor dominante era o progresso, caro às elites que dele faziam esteio de uma visão de mundo triunfante e otimista. (Pasavento, 1997, p. 29)

A contemporaneidade trouxe benefícios e desequilíbrios para o espaço público, deixando as ruas e

calçadas de serem um espaço de divertimento. “O esvaziamento da rua como território lúdico, lugar das brincadeiras, deixa cada vez mais de ser apropriado pelo corpo para ser utilizado pelos carros, que invadem todas as áreas disponíveis e esvaziam as calçadas” (Carlos, 2001, p. 241). Para buscar a identidade, o homem recorre primeiramente ao patrimônio material, ou seja, aos bens edificados e aos objetos que representam a formação cultural. Para depois resgatar o patrimônio imaterial, caracterizado pelas festas, celebrações, lugares e saberes, resgatando, desta forma, não só os aspectos culturais, mas a função social.

A expressão que a rua traz é de liberdade, e desde criança carregamos conosco a ânsia de ir à rua. Lá tudo varia: as conversas, as idéias, o amor, o namoro etc. Elas nascem da necessidade do alargamento das grandes colméias sócias e de interesses comerciais.

Portanto, podemos compreender que a rua é um espaço público de todos e que, no decorrer do dia, diversos espetáculos acontecem. Dentre eles, destacamos as manifestações cívicas, culturais, religiosas, festividades, encontros, roubos, via comercial, zonas de prostituição, ou seja, um local que possui diversas faces e nos traz expressões de alegria ou sofrimento, conquistas e perdas.

Assim como em outros estados do Brasil, Aracaju possuiu e possui ruas que se destacaram a partir do desenvolvimento e expansão territorial da cidade, e nas contribuições culturais. Dentre as ruas, evidenciamos a “João Pessoa”. Aracaju é uma cidade diversificada em vários aspectos. Viveu e vive períodos acelerados e lentos durante toda a trajetória após a formação da capital. É óbvio que de lá para cá ocorreram diversas transformações, tanto nos aspectos relacionados à cultura, como nas questões urbanísticas.

No Brasil, as transformações ocorridas na sociedade do final do século XIX e início do século XX marcaram fortemente a paisagem das cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador, Recife, Belém, Manaus. (Santos, 2002, p. 143)

Aracaju, no início do século XX, era o município mais populoso do estado de Sergipe. “Itabaiana e Propriá superavam-no” (Santos, 2002, p. 144). Também havia outros municípios que se destacavam pela quantidade de operários como é o caso de Estância, São Cristóvão e Neópolis. Já a cidade de Lagarto, Itabaiana e Propriá eram centros de comércio atacadistas.

Segundo a historiadora Maria Nely dos Santos (2002, p. 153), “a introdução de um padrão de sociabilidade medido pelo dinheiro e a difusão de novos

hábitos de consumo, acontecem a partir do século XX”. Portanto, até então, Aracaju não possuía condições suficientes para instalar um comércio luxuoso e pomposo. A falta de condição está diretamente ligada à falta de demanda e ao fato da própria cidade não oferecer condições suficientes para o crescimento espacial do centro urbano. Além de a população ser composta por pessoas humildes.

Em Aracaju, as ruas eram constantemente inundadas, e a locomoção pela cidade e seus arredores era feita através de transportes tradicionais como o carro de boi, cavalos e burros. Nem mesmo o impacto causado pelo bonde puxado a burro, inaugurado em 1901 e o elétrico em 1908, conseguiu alterar a rotina da cidade. Hoje, as ruas estão repletas de táxis e ônibus contrastando com décadas atrás; época em que existiam poucos carros particulares e de aluguel. No princípio do século XX a população andava de bonde e somente anos depois as ruas foram calçadas, surgindo mais carros, lotações e ônibus.

A partir de 1920, Aracaju vislumbrava um novo momento: o princípio da consolidação do centro e o crescimento do espaço central. “Embora depois de 1922, os habitantes se imaginassem respirando os ares da ‘modernidade’, havia muito a fazer-se para o saneamento e profilaxia de Aracaju” (Santos, 2000, p. 14). E para que fosse permitido esse crescimento do centro e a difusão da economia, houve uma ampla mudança. A Rua Japarutuba tinha início na Praça Fausto Cardoso, tendo como marco a Intendência Municipal, hoje o Edifício Walter Franco, e terminava nas proximidades da Estação Ferroviária, totalizando sete quarteirões. Atualmente são apenas três.

No ano de 1930, um comitê liderado pelo poeta José Freire Ribeiro, “com o intuito de homenagear o líder paraibano” (Santos, 2000, p. 15), lança uma campanha para que a Rua Japarutuba passasse a se chamar João Pessoa (político paraibano muito conhecido em todo o Nordeste, e que já havia falecido). Na época, o *Sergipe Jornal* lançou uma nota:

Sabbado último teve lugar a cerimônia da mudança de nome da nossa principal artéria commercial – a Rua de Japarutuba, para a Rua João Pessoa, reverente homenagem da nossa gente à memória do grande homem extinto. Não podemos deixar sem encomias tal idéia que reputamos louvável por todos os títulos pois perpetuará entre nós a lembrança do valoroso parabybano. A affixação da respectiva placa realison-se um comício affluindo enorme multidão que ovacionou os diversos oradores dentre os quais destacamos os inteligentes jovens Freire Ribeiro e J. Maria Tavares. (Sergipe Jornal, 1930)

João Pessoa foi eleito presidente da Paraíba em 1928, e foi assassinado no dia 26 de julho de 1930, no interior de uma confeitaria em Recife, Pernambuco. De sua biografia consta que razões de cunho político motivaram o homicídio, mas outros relatos dão versão diferente ao acontecimento, alegando que João Pessoa foi ao Recife se encontrar com uma amante. A idéia da mudança do nome da rua foi acatada pelo chefe municipal, Teófilo Correia Dantas (1927-1930) que, com esta atitude, rejeitou uma nomenclatura que pertencia a Sergipe, há mais de meio século.

A Rua João Pessoa inicialmente recebeu o nome de Conceição, até 1873, quando então passou a denominar-se Rua Japarutuba. Porém, continuou identificada pela população como Rua do Barão. O nome é justificado pelo fato de João Gomes de Melo, o Barão de Maroim, ter comprado vários terrenos, e neles construído 15 casas, nas quais residiram parentes, afilhados, amigos e locatários. Inicialmente residencial e vaidosa devido aos seus moradores ilustres, resistiu o quanto pode a ser uma rua de comércio, ao contrário da Rua da Aurora (atual Avenida Rio Branco), que já nascera com esta vocação. Porém, sem qualquer acanhamento, o comércio invadiu as residências. As fachadas foram reformadas e passaram a ostentar tabuletas com o nome fantasia e o tipo de negócio a que se destinava.

Aracaju, cidade moderna, quase não viu o desfilar das carruagens, carro de duas rodas e dois assentos, sem boléia, com capota, e tirado por um só animal. Logo em seguida, vieram os bondes puxados por dois burros e contendo cinco bancos. Já o bonde elétrico não tinha esse problema, no entanto, eram também demorados e, para quem estivesse com algum compromisso agendado, era preferível viajar de automóvel ou até mesmo a pé. Era um passeio maravilhoso para quem não estava com pressa, mas causava muita confusão por causa da demora, das encrucas e, às vezes, da falta de energia. No ano de 1934, no mês de agosto, Aracaju recebeu a visita do Presidente Getúlio Vargas que atravessou de automóvel e depois de bonde a Rua João Pessoa ao lado do interventor Augusto Maynard Gomes (1930-1935), atraindo várias pessoas para o centro comercial.

Vale ressaltar que “o primeiro automóvel apareceu na cidade de Aracaju em 1913 e foi um Ford, cujo proprietário se chamava Arnou Coelho” (Cabral, 2002, p. 143). Mas eram os bondes, os ônibus e as lotações que faziam o transporte de passageiros; andavam cheios, com gente sentada, em pé, pendurada nos lados e atrás sobre o dorso do engate.

No final do século XIX, as residências aos poucos foram cedendo espaço a um comércio acanhado

e de pequeno porte. Devido à boa localização e almejando a realização de bons negócios, vários comerciantes inauguraram e transferiram casas e lojas comerciais para a Rua Japarutuba. A exemplo do senhor João Honorato de Albuquerque, vendia louças, vidros, cristais, porcelanas importadas da Alemanha, da Inglaterra e de Limoges da França; tapeçaria, objetos sacros, artigos funerários, bem como relógios alemães. O traçado não foi alterado. As casas foram adaptadas à necessidade comercial, com as fachadas reformadas e a abertura de letreiros, indicando o ramo de negócio.

Através dos escritos e recordações de Murillo Melins, memorialista sergipano, percebemos que a localização estava restrita às ruas João Pessoa, José do Prado Franco, Itabaianinha, Laranjeiras, São Cristóvão, avenidas Rio Branco, Otoniel Dórea e Praça General Valadão. A Rua João Pessoa começava com o número 1 do “Hotel Central” – hoje se localizam ali as “Lojas Insinuanter” – e os pontos comerciais serviam de local de encontro entre ricos fazendeiros e pessoas que possuíam um poder aquisitivo elevado para tratar de negócios ou consumir. Dentre as lojas, existiam as especializadas em produtos eletrônicos, secos e molhados, produtos importados, como tecidos finos, gravatas de seda, peças chinesas etc.

Atualmente, no centro comercial encontramos diversas lojas vendendo os mais variados produtos, mas essas ruas perderam de certa forma, no decorrer dos anos, o brilho e o estilo do século XX. Antes eram comerciais, culturais, residenciais e possuíam pontos chiques de encontros. Hoje, o que encontramos são ruas que não mantiveram as atividades culturais, não conservam patrimonialmente seus prédios e um comércio que atende aos consumidores da classe média e baixa, pois os que possuem melhores condições preferem comprar e consumir nos shoppings, em lugares requintados de grifes.

A descaracterização do centro comercial vem ocorrendo há décadas. Um ponto a ser destacado foi o prédio do Café Central, demolido nos anos 40 e, em seu lugar, foi construído o atual Edifício Mayara por João Hora de Oliveira, o primeiro prédio de três andares de Sergipe. Na parte térrea foi instalada a maior e mais bela loja e magazine de Sergipe: “A Moda”. Nos outros andares foram instalados os consultórios médicos e odontológicos, bancas advocatícias e escritórios.

No trecho seguinte da Rua João Pessoa encontramos a Livraria Regina, que foi um local de encontro da intelectualidade sergipana. Das pessoas que freqüentavam todas as tardes esse local podemos apontar: religiosos, filósofos, ensaístas, historiadores, artistas plásticos etc.

No final do ano, os conterrâneos que residiam fora do estado, retornavam a Aracaju a fim de passarem as férias e desfrutarem da feirinha de Natal, na Praça Olímpio Campos, aumentando assim o fluxo comercial. Os rapazes visitavam as sapatarias para comprar sapatos de cromo, estampado em cores, sociais de bico fino, bicolores, que seriam usados na praça e nos bailes. Nos dias atuais os rapazes procuram as lojas para comprar tênis ou artigos praticamente da mesma categoria. As mulheres elegantes sentiam-se obrigadas a mandar confeccionar vestidos para as festas de Natal, Ano Novo e Reis. Atualmente compram roupas já confeccionadas de trajes esportivos que estão no auge da moda. As festas comemorativas do Natal, Ano Novo e Festa de Reis desapareceram dessas ruas, sendo totalmente extinguidas, deixando apenas para espaço comercial.

O sorvete no início do século XX era novidade, e as mulheres só saíam acompanhadas para a sorveteria. Um dos locais mais privilegiados era a “Sorveteria Primavera”, situada na Praça Fausto Cardoso com a Rua João Pessoa. As mesas eram repletas de jovens alegres que começavam a “esquentar” com a cerveja e o cuba-libre. Comparando com a atualidade, apontamos uma mudança nos hábitos culturais, conseqüência da expansão e crescimento de Aracaju que gera a cada dia a perda da conservação dos costumes e, ao mesmo tempo, convida a conhecer novos espaços.

A partir das 18 horas, quase todos iam ver as retretas da Praça Fausto Cardoso, aproveitando para exhibir os trajes domingueiros e elegantes. Enquanto isso, os sons dos auto-falantes ecoavam os LPs tocados nos carros que faziam as propagandas. Era assim o comércio da Rua João Pessoa, um desfile de modas aos domingos. Vale ressaltar também o “Bar Apollo”, situado na Rua João Pessoa, 82, onde hoje é a loja Esplanada. Era muito famoso e freqüentado, geralmente aos sábados e domingos, dificilmente se encontrando uma mesa vazia.

Na esquina da Rua João Pessoa com a Laranjeiras encontramos a Igreja São Salvador que impressiona por sua arquitetura, resultado de algumas reformas marcando o cotidiano do centro comercial de Aracaju, com missas diárias, onde transeuntes das ruas João Pessoa e Laranjeiras marcam presença com pedidos e orações; e nas festividades do dia de São Benedito e Senhor dos Passos, que ocorrem respectivamente nos meses de janeiro e abril. A festa de São Benedito era comemorada no dia de Reis, e a igreja convidava os membros da irmandade e todas as associações a participarem dos festejos ao santo protetor dos pobres. Pela manhã era realizada a missa solene com pregação do evangelho e a tarde, por volta

das 15 horas, iniciava-se a procissão pelas ruas enfeitadas pelos moradores.

Todos os anos, no *Diário Oficial* era publicada a programação das festas em homenagem ao Padroeiro dos Marítimos, Bom Jesus dos Navegantes (cf. *Diário Oficial*, n. 1207, 1924). A festa era celebrada no dia 1 de janeiro e percorria o itinerário das ruas e avenidas de Aracaju, para depois se dirigir até o ponto de embarque, no qual os barcos enfeitados desfilavam pelo Rio Sergipe. Daí, então, a população aguardava para que a próxima festa, talvez uma das mais esperadas, chegasse: o carnaval.

O carnaval em Aracaju entre as décadas de 20 e 40 do século XX era comemorado no trajeto da “Praça Fausto Cardoso, Rua João Pessoa, Atalaia e durante os bailes carnavalescos” (Melins, 2007, p. 103).

Ao longo do trajeto por onde os carnavalescos passavam, existia uma decoração de máscaras, confetes, pandeiros e outras figuras. O espaço também era colorido através das luzes multicores. “A Rua João Pessoa era o corredor da alegria” (Melins, 2007, p. 105), e ficava completamente iluminada. É bastante comum, nos jornais da época, encontrar uma nota social, convidando os foliões para o carnaval.

A folia de tempos atrás iniciava a partir do sábado a tarde, após o comércio ser fechado. Algumas lojas permaneciam abertas vendendo alegorias para a curtição. E os comerciantes autônomos espalhavam pelas calçadas – pois ainda não existia o calçadão – máscaras, bonés, papais-sacodes, apitos, língua de sogras, confetes e outros artigos carnavalescos. Nesta mesma época “chegavam à cidade os forasteiros para assistir as festas carnavalescas” (*Correio de Aracaju*, n. 718, 1928). A animação demonstrada pelos anúncios e convites para o povo participar da folia de momo era acompanhada pelo desejo de obter objetos no comércio aracajuano para animar, ainda mais, a folia. Nos nossos dias, encontramos diariamente comerciantes autônomos, popularmente conhecidos como “ambulantes”, que também espalham seus produtos no calçadão, mas não são produtos carnavalescos, nem em época de carnaval, são miudezas: brincos, pulseiras, relógios, óculos, calculadoras, capinhas para celulares, brinquedos etc. Assim, percebe-se que o carnaval não chega a atrair o consumidor para a aquisição de enfeites e adereços como noutros tempos.

O carnaval já não se comemora ao som das marchinhas carnavalescas, mas sim com trios-elétricos nas localidades do estado em que existem praias e rios. Os lança-perfumes não possuem mais o sentido da distração; segundo Murillo Melins (2007, p. 106):

Os sifões dos lança-perfumes eram pressionados e aquele perfume gostoso e inconfundível pairava no ar por toda

parte, [...] todas tinham o mesmo objetivo: a forma perfumada de agradecer e de galantear.

Agora são utilizados como drogas que levam ao delírio. Portanto, compreende-se que várias características foram corrompidas pela sociedade no decorrer dos anos.

O som do alto-falante que ecoavam pelas ruas, inexistente, juntamente com as marchinhas, os sambas e os frevos. A novidade agora são os pagodes e axé da Bahia. É necessário que cantores sergipanos, autores e artistas façam sucesso e sejam reconhecidos fora do mercado sergipano para que depois sejam valorizados na sua terra.

Durante o período carnavalesco, “o Cinema Rio Branco abrigava os bailes de máscara e concursos de fantasia e do maxixe” (*Sergipe Jornal*, n. 171, 1922). As festas e bailes carnavalescos eram vistos como comemorações de luxúria dos grã-finos boêmios que iam se divertir com as carnavalescas. E nos jornais da época era bastante comum ver noticiários como este: “O teatro Rio Branco abre hoje o seu cyclo de alegria carnavalesca. É um estonteante baile masque que às dez horas da noite povoará de ruídos o vasto recinto” (cf. *Correio de Aracaju*, n. 2.802, 1920). Nesse sentido, o Teatro Rio Branco era utilizado como recinto de encontro entre os intelectuais, em festas carnavalesca, e principalmente na exibição de filmes.

A população aracajuana sempre foi amante da arte cênica. Daí ser possível dizer que os cinemas funcionavam com se fossem teatros. E desse modo lançavam diversas apresentações com valores, líricos, cômicos e dramáticos. Eram casas pequenas, sem conforto para o público e espaço para acomodação dos artistas. Segundo Cabral (2002, p. 126),

os palcos eram tão acanhados que às vezes dificultavam as apresentações, mas nada disso era empecilho para que os espetáculos teatrais fossem sucesso e recorde de bilheteria.

Na Rua João Pessoa encontramos também o Cine Palace, seu prédio localiza-se na esquina da Praça Fausto Cardoso, onde funcionou o Cinema Universal, depois Hotel Central, Hugo Bozzi, Hotel Glória, mais recente, a Sorveteria Primavera e, posteriormente, o Bingo Palace. Os espetáculos iniciavam aos sons dos grandes sucessos musicais da época. Outro cinema bem sucedido foi o Cine Aracaju, situado na Rua Laranjeiras, que consistia em instalações modernas de som e imagem de primeira qualidade, classificada como uma das melhores projeções de Aracaju. Mas dentre todos os cinemas, queremos neste estudo evidenciar o Cinema Rio Branco

por estar localizado na Rua João Pessoa e por ter durado um bom tempo.

O Cinema Rio Branco, na década de 20 do século XX, foi um ponto de concentração e encontro da cultura e da arte sergipana. Endereço de um dos mais importantes cinemas de Aracaju, daquela época, localizava-se na Rua João Pessoa, n. 182. Foi inaugurado com muito sucesso em 1904 e lá não eram apenas exibidos filmes – na época do cinema mudo – mas em época de carnavais as cadeiras eram afastadas e o espaço era destinado aos concorridos bailes carnavalescos. Como o cinema era mudo, tinha a participação de pianistas e flautistas que, com o seu lirismo, atribuíam mais emoção. Antes, porém, no local funcionou o *Teatro São José*. Tempos mais tarde, por iniciativa de um italiano, chamado Nicolau Pungittori, foi erguido em 1903 o *Teatro Carlos Gomes*. Este podia comportar até 700 pessoas, que iam assistir a peças teatrais e filmes recém-chegados do Rio de Janeiro.

Com a morte de Nicolau Pungittori, passou a funcionar nas dependências do Teatro Carlos Gomes, o *Cinema Sergipe*, depois sucedido pelo *Cinema Ideal* e, finalmente, pelo Cine-Teatro Rio Branco, que nas mãos de Juca Barreto, conheceu o seu período áureo. Várias atrações nacionais lá se apresentaram: a cantora Bidú Sayão e Tito Seripa, a Companhia de Procópio Ferreira, Ataulfo Alves, Emilinha Borba, Ângela Maria, Carmélia Alves, dentre outros. Na tela do Cinema Rio Branco foram exibidos filmes de guerra e grandes sucessos de bilheteria, como: “E o vento levou” e a “Ponte de Waterloo” e muitos outros filmes. Foi um cinema muito importante em Aracaju, pois lá eram exibidos os clássicos do cinema americano e filmes mudos de Rodolfo Valentino.

Ao adentrar as suas instalações, podia-se observar fixadas em suas paredes, as placas indicando os nomes dos artistas e companhias que por lá se apresentaram. O Rio Branco, além de Cine-Teatro, também colocava à disposição suas instalações para que fossem realizados diversos tipos de eventos, como apresentações musicais, escolares, convenções de partidos políticos, tendo numa delas sido apresentado como candidato a governador do estado, o Dr. Leandro Maynard Maciel (1955-1959):

[...] O Rio Branco é tudo, serve para tudo. É o cinema, é teatro, é recinto de conferência, salão de concerto, é local de comício político [...] (Cabral, 2002, p. 202)

O declínio do Cinema Rio Branco se inicia com a construção do Teatro Atheneu, mais moderno e confortável, e do Cinema Palace, que possuía mais recursos tecnológicos.

Horizontes, v. 26, n. 1, p. 53-61, jan./jun. 2008

O Cinema Rio Branco encerrou suas atividades em 2002. No local, onde somente a fachada lembra o Cinema, funcionam atualmente as Lojas Ipanemas. Infelizmente não houve interesse por parte do governo e nem dos proprietários em conservar a memória do Rio Branco.

Os cinemas de bairros aos poucos foram desaparecendo e, quando queremos assistir aos filmes, temos que nos deslocar aos shoppings.

Também por falta da preservação das festas no Parque Teófilo Dantas e Praça Fausto Cardoso, o centro da cidade começou a ser esquecido, tornando-se um local perigoso, deserto e olvidado, principalmente à noite, conseqüentemente, estes foram motivos que contribuíram para o desaparecimento das famosas retretas da Praça Fausto Cardoso, do lazer, enquanto se olhava as vitrines das Ruas João Pessoa e Laranjeiras, dos passeios à Ponte do Imperador e do *footing* no domingo, que era uma espécie de passeio praticado às tardes pelos rapazes e moças da cidade, que aproveitavam para paquerar e mostrar seus belos trajes.

Sem dúvida, o Cinema Rio Branco foi um ponto de encontro e concentração de pessoas importantes da sociedade, trazendo personalidades e apresentando espetáculos ricos. Tivemos também outros pontos de encontros entre intelectuais, dentre eles: o Ponto Chic, Café Central e a Livraria Regina que estavam presentes na sociedade da época.

Na Rua João Pessoa estavam localizadas as várias livrarias. Dentre elas: a Gráfica Editora, a Livraria Monteiro e a Livraria Regina.

No número 137 da Rua João Pessoa, onde atualmente funciona a Cosmético Center, existiu uma das mais importantes livrarias de Aracaju: a Livraria Regina. Ela foi um ícone da cultura aracajuana, sendo considerada a mais sortida, a mais freqüentada, e também a melhor gráfica do estado. O nome Regina foi uma homenagem do seu primeiro proprietário, Agripino Leite, à sua esposa, Regina do Prado Leite. Com ele, a Livraria Regina seguiu a mesma linha das concorrentes, sendo papelaria e tipografia. “A Livraria Regina seguiu praticamente a mesma rota das livrarias Brasileira e Comercial – também fora papelaria e tipografia [...]” (Santos, 2004, p. 23).

Inicia-se uma nova fase para a Livraria Regina, a partir da administração do seu segundo proprietário, José Apóstolo. Além de importante livraria, torna-se um espaço cultural que, juntamente com os cinemas, bares e cafés, formavam o circuito cultural de Aracaju. Era ponto de encontro vespertino dos intelectuais sergipanos que, após bebericarem algumas cervejas no Ponto Chic, adentravam a Livraria Regina. Eram habituês: Bonifácio Fortes, Emanuel Franco, Silvério Fontes, José Augusto Garcez,

Petrônio Gomes, Antonio Garcia, Garcia Moreno, Felte Bezerra, Mario Cabral, José Cruz e Orlando Dantas.

Na Livraria Regina podia-se encontrar livros de várias nacionalidades: italianos, franceses, espanhóis, além dos nacionais, em diversas áreas do conhecimento. A relação é infundável! A Livraria Regina era reconhecida pela riqueza de títulos de literatura que vendia e por ser a única que intermediava aquisição de livros de livrarias e editoras de outras partes do Brasil.

Como distribuidora da Editora Abril, a Livraria Regina recebeu vários prêmios por sua atuação em vendas, sendo considerada uma das maiores do Brasil. Como gráfica imprimiu cerca de 270 livros, entre os anos de 1920 e 1970, dentre eles, livros de poesia, crônicas, biografias, discursos e documentos oficiais. Entre os escritores sergipanos que tiveram seus livros impressos pela Regina, destacam-se: Mário Cabral, Santo Souza, Alberto Carvalho, José Calazans, Pires Wynne, entre outros. A tarde de autógrafos destes lançamentos não só era um entretenimento da Rua João Pessoa mas, sobretudo, um encontro de intelectuais, literatos e familiares, transformando a ocasião em um verdadeiro acontecimento. Atualmente, para manter-se atualizado sobre os lançamentos ou até mesmo comprar algum compêndio, o leitor há que freqüentar uma das únicas livrarias da capital, situada no shopping center. Lá o atendimento se faz de forma direta e através dos funcionários, diferentemente do que acontecia na Regina, onde todos eram bem recebidos por José Apóstolo, proprietário do estabelecimento.

A Livraria Regina deixou saudades àqueles que a conheceram. Da mesma forma que o Cinema Rio Branco e os do centro deixaram o vazio no centro da cidade. A inexistência do carnaval, das festas religiosas e das comemorações do final de ano mudou totalmente o cenário dessas ruas, conseqüência do processo de modernização e avanços da sociedade. No entanto, não é necessário extinguir os hábitos culturais e elementos arquitetônicos de uma sociedade, melhor ainda de uma cidade. Podemos conviver com o passado e o presente juntos, e sermos atuais e evoluídos sem destruir os vestígios de uma época ou de um período histórico.

Considerações finais

Do início do século XX aos dias atuais, notamos as diversas transformações no centro comercial de Aracaju e na Rua João Pessoa, objeto de estudo deste trabalho. As características iniciais dessa artéria começaram a desaparecer à medida que ela foi sendo preenchida por carros, tornaram-se movimentadas pela locomoção das pessoas e alterações estruturais, fruto da reprodução do espaço urbano. A contemporaneidade de certa forma trouxe benefícios, mas também desequilíbrios para o

espaço público fazendo com que as ruas e calçadas perdessem a característica de um espaço de divertimento. Foram descaracterizadas tanto na vivacidade espiritual, quanto nos aspectos físicos devido aos fatores urbanísticos, ou seja, a modernização em detrimento dos patrimônios de outrora.

Na década de 20, as calçadas que tanto foram utilizadas por aqueles que iam às compras no comércio, e finais de semana utilizavam-nas para a prática do *footing*, atualmente inexistem. Foram descaracterizadas, dando espaço para a construção do famoso “Calçadão”, que contribuiu para a descaracterização do centro comercial, mas que, por outro lado, facilitou o tráfego de pedestres. O estilo arquitetônico das casas comerciais também foi aos poucos sendo modificado, restando apenas vestígios das fachadas em algumas lojas, conseqüência da modernização do meio urbano e da falta de conscientização da preservação do patrimônio histórico.

Isso posto, salienta-se que o propósito deste trabalho é enfatizar a contribuição dessas casas comerciais para o crescimento da cidade, a sociabilidade, os aspectos e práticas culturais e a expansão comercial, mostrando como foi o processo e quais foram os fatores que contribuíram direta ou indiretamente com o presente cenário cultural, alteando assim a relevância do tema estudado.

Nota

- ¹ Agradeço à professora doutora Josefa Eliana Souza pelo apoio e incentivo à publicação de trabalhos. Este trabalho é parte integrante da monografia de conclusão de curso “O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940)”. 2007. 116 f. Monografia (Licenciatura em História) – UNIT, 2007. Orientadora: Profa. Maria Nele dos Santos.

Referências

- ANDRADE, Adênia Santos e BRITO FILHO, José de Oliveira. *O ir e vir das ruas João Pessos e Laranjeiras (1920-1940)*. Aracaju, UNIT, 2007. 116 f. Monografia (Licenciatura em História).
- BARBOZA, Naide. *Em busca de imagens perdidas: Centro Histórico de Aracaju. 1900-1940*. Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992.
- BARRETO, Armando. *Cadastro industrial, comercial, agrícola e informativo de Sergipe*. 1934.
- _____. *Cadastro industrial, comercial, agrícola e informativo de Sergipe*. N. 2, 1938.

- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CABRAL, Luciana Francisca. A rua no imaginário social. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona*: Universidad de Barcelona, vol. IX, 1 de agosto de 2005; <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-60.htm> [ISSN: 1138-9788]. Disponível em 17/09/2007.
- CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*. 3. ed. Aracaju: Banese, 2002.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.
- CRUZ, Adaleide Maria Oliveira L. da e ANDRADE, Eliana Santos. *Cine-Teatro Rio Branco: "História que jamais poderá ser esquecida"*. UNIT, 2006. (Monografia de Conclusão do Curso de História.)
- CRUZ, Luiz Antônio Pinto. *Atentado nazista em Sergipe: a história do torpedeamento dos navios mercantes brasileiros*. In: *Revista de Aracaju*. Aracaju: FUNCAJU, ano LX, n. 10. 2003.
- CRUZ E SILVA, Maria Lúcia Marques e MENDONÇA, Jouberto Uchôa de. *Caminhos da capital: 150 motivos para viver as ruas de Aracaju*. Aracaju: UNIT, 2007.
- FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- MELINS, Murillo. *Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50*. 2ª ed. Aracaju: UNIT, 2001.
- PESAVENTO, S. J. *Exposições universais: espetáculos da modernidade no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- RIO, João. *A alma encantadora das ruas*. In: ANTELO, Raul. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SANTOS, Elissandra Silva. *Livraria Regina: notas sobre a aventura do livro em Aracaju (1918-1976)*. São Cristóvão, 2004. (Monografia de graduação em História.)
- SANTOS, Maria Nele. Rua João Pessoa de outrora. In: *Revista Hora do Estudo*. Aracaju: SEMED, n. 5, 2000, p. 12-18.
- _____. *Aracaju na contramão da "Belle Époque"*. In: *Revista de Aracaju*, n. 9, ano LIX, 2002.
- SOBRINHO, Sebrão. *Laudas da história do Aracaju*. Maruim: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1954.
- VILAR, José Wellington Carvalho. Evolução da paisagem urbana do centro de Aracaju. In: ARAUJO, Hélio Mário: *O ambiente urbano: visões geográficas de Aracaju*. São Cristóvão: Departamento de Geografia da UFS, 2006. p. 45-67.

Revista e jornais

- REVISTA DE ARACAJU, n. 7, de 31 de dezembro de 1962, p. 233.
- DIÁRIO OFICIAL. Aracaju, n. 1.207 de 12 de janeiro de 1924.
- CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, Ementário Social, segunda 21 de janeiro de 1935.
- CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, n. 2.810 de 19 de fevereiro de 1920.
- CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, n. 718 de 17 de fevereiro de 1928.
- SERGIPE JORNAL. Aracaju, n. 2.386 de 24 de janeiro de 1930.
- SERGIPE JORNAL. Aracaju, n. 2.394 de 4 de março de 1930.
- SERGIPE JORNAL. Aracaju, n. 2.570 de 10 de novembro de 1930.

Recebido em junho de 2008

Aprovado em setembro de 2008

Sobre a autora:

Adênia Santos Andrade é graduada em história pela Universidade Tiradentes, participante do grupo de pesquisa GPGFOP/CNPq e sócia da SBHE.

